

### 3. O Brasil na guerra

#### 3.1. A Nacional se profissionaliza

Ao instalar antenas de ondas curtas, a Rádio Nacional passou a transmitir para outros continentes, tornando-se a maior emissora brasileira. O principal noticiário da época, o “Repórter Esso”, mudou a maneira de se fazer radiojornalismo no país. As principais manchetes vinham da agência United Press Association (UPA) e falavam sobre a guerra. Getúlio Vargas pediu ao locutor Heron Domingues que ele desse também notícias sobre a FEB, mudando assim o contrato com a Esso. Apesar de bem menor do que a Nacional, a Rádio Clube de Pernambuco<sup>265</sup> vivia um duelo interno. Ao mesmo tempo em que fazia programas para os soldados americanos que estavam nas bases aéreas de Natal e Recife, recebia também interferência da Rádio Berlim, com seus programas irônicos e cheios de insultos voltados para o Brasil.

Com o Decreto 5.077 – criado para organizar a atividade radiofônica no Estado Novo, a partir de 1939 –, o governo determinou como iria fazer a troca de produções sonoras entre a rádio brasileira e as estrangeiras. Para isso, teria que inaugurar transmissões em quatro frequências de ondas curtas (PRE-8, PRL-7, PRL-8 e PRL-9) na Rádio Nacional. A emissora tornou-se, em dezembro de 1942, a maior da América Latina e uma das cinco mais potentes do mundo, transmitindo em quatro idiomas. Com oito antenas novas e potência de 50 quilowatts, passou a enviar programação para os Estados Unidos, a Europa e a Ásia<sup>266</sup>. Entre os fãs estrangeiros, havia muitos radioamadores que captavam a frequência da PRE-8 em ondas curtas. Para confirmar a façanha, pediam um postal da rádio<sup>267</sup>.

O investimento em ondas curtas mobilizou a emissora. Um reflexo desse entusiasmo estava nas páginas extras incluídas no seu boletim.

---

<sup>265</sup> Inaugurada em 1919, de forma precária, passou a ser reconhecida como estação de rádio em 1923.

<sup>266</sup> Luiz Carlos Saroldi e Sonia Virgínia Moreira, op.cit., p. 98.

<sup>267</sup> Os cartões QSL são a confirmação escrita do contato entre estações. A prática é comum entre os radioamadores até hoje.

“(…) três meses depois do início das transmissões para o exterior, começaram a ser publicados os boletins informativos dos serviços da emissora: *Rádio Nacional – do Brasil para o Mundo: Boletim Informativo de Serviços de Transmissão*. Eram publicações bimensais editadas em português, espanhol e inglês, que, além da listagem dos programas, incluíam crônicas sobre a crescente importância da Rádio Nacional”.<sup>268</sup>

Para o exterior, a “Hora do Brasil” ganhava uma versão mais enxuta. Os ideólogos do Estado Novo sabiam que podia ser entediante uma atração que falasse dos feitos do governo durante uma longa hora. Outros programas mais animados e menos oficiais também viajavam para o exterior. No boletim da semana de 24 a 30 de dezembro de 1944, leitores estrangeiros elogiavam a programação, entre eles, dois moradores das Ilhas Britânicas.

“Prezados senhores – Tenho prazer em dar-vos os parabéns pelos ótimos programas que levais a efeito. Sou um ouvinte costumeiro da Rádio Nacional e acho os novos programas muito interessantes. Os ouvintes daqui das Ilhas Britânicas sentem-se mais próximos dos seus aliados brasileiros devido a vossos *broadcastings*. Desejaria apenas que a duração de vossos programas fosse maior, uma vez que é recebido aqui com notável clareza e bastante forte. Aproveito, pois, a oportunidade para agradecer-vos mais uma vez pelos ótimos programas. Sinceramente, Higham Hill, Burton Latimer, Northbanks, England.”

Essa mesma publicação trazia a programação diária da Rádio Nacional em ondas curtas, incluindo as atrações exclusivas para os soldados da FEB na Itália:

- 9:00 – Noticiário para o Uruguai, por J.V. Payá.
- 11:00 – Programa para a F.E.B., sob os auspícios do D.I.P.
- 15:30 – Mensagens aos expedicionários (Exceto às terças-feiras).
- 16:00 – Programa para Portugal, com Lúcia Helena.
- 16:30 – Programa para a Grã-Bretanha e Irlanda, com C. Corder.
- 17:15 – Boletim do Exército.
- 18:25 – Rapsódia Brasileira, com S. Clair Lopes (Somente às quartas-feiras e em combinação com a Rádio Guanabara).
- 19:10 – Programa para a América Latina – com J.V. Payá.
- 19:30 – A Marcha da Guerra.
- 21:00 – O que vai pelo mundo (Somente às terças-feiras).

<sup>268</sup> Luiz Carlos Saroldi e Sonia Virgínia Moreira, op. cit., pp. 99-100.

23:00 – Programa para os Estados Unidos e Canadá, com Rocky Wood.

O público estava interessado nos rumos da guerra: as notícias eram urgentes, curtas, objetivas.<sup>269</sup> Por outro lado, a partir de 1944, o veículo se tornou importante como meio de os pracinhas receberem notícias do Brasil.

“Não importavam aprofundamentos, muitos detalhes, análises. O ouvinte queria apenas informações que dessem conta de manter as pessoas com um mínimo de conhecimento imediato e recente sobre o que se passava no centro do conflito. E para informações deste tipo, nada mais adequado do que um veículo com as características do rádio, já na época o meio de comunicação de massa com maior potencial para transmitir os fatos com velocidade e rapidez. (...) É o rádio que dá o *lead*”.<sup>270</sup>

A Rádio Clube de Pernambuco fazia programações especiais para os americanos na época da guerra. Oferecia o microfone, em horários especiais, para que os soldados mandassem, em ondas curtas, recados para casa, de viva-voz. “Esta união entre a radiodifusão e a retaguarda do conflito mundial permitiu ao recifense dos anos 40 conhecer de perto nos salões do Clube Internacional do Recife e, nas ondas da P.R.A.- 8, estrelas do cinema de Hollywood que participaram do esforço de guerra.”<sup>271</sup> (...) Até cassinos foram especialmente montados para servir as bases aéreas de Ibura (Recife) e Parnamirim (Natal). A cidade de Natal já era conhecida como “O Trampolim da Vitória” por sua proximidade com a cidade de Dakar, no Norte da África. Saindo de Natal, aviões americanos não precisavam nem mesmo de reabastecimento no caminho.

Não era rara a interferência da Rádio Berlim nas ondas da P.R.A.-8. Desde 1938, durante a terceira Copa do Mundo<sup>272</sup>, os alemães conheciam as frequências da emissora. Eles retransmitiram os jogos para o Recife, graças a Otto Schiler, técnico de origem alemã que fazia a operação da Rádio Clube de Pernambuco. Luiz Maranhão<sup>273</sup> afirmou que talvez o “entendimento aparentemente pacífico permitiu, mais tarde, em tempos de conflito mundial, outro tipo de interferência externa. A Rádio Berlim invadia a frequência (...) [com] as emissões do programa

<sup>269</sup> Eram “informações de superfície”, in Valci Regina Mousquer Zucoloto, op.cit., sem numeração.

<sup>270</sup> Idem.

<sup>271</sup> Luiz Maranhão, op.cit., p. 188. No Recife, para os americanos, funcionava a United Service Organization (USO), “o lar longe de casa”.

<sup>272</sup> Ibid., pp. 184-185.

<sup>273</sup> Filho do radialista homônimo que trabalhou na estação na época.

‘A Maricota’, em português.”<sup>274</sup> As edições não eram comentadas pela imprensa, mas, segundo Maranhão, corriam de boca em boca, principalmente entre os militantes e simpatizantes da Ação Integralista Brasileira.

“‘A Maricota’ era um programa satírico, utilizando personagens cujo objetivo era depreciar costumes brasileiros e atos e fatos vinculados ao governo de Getúlio Vargas. Entre os participantes desse programa, havia uma pernambucana que fora surpreendida na Alemanha, quando estudava música e ficara impedida de voltar ao Brasil.”<sup>275</sup>

No encontro de Roosevelt com Getúlio Vargas em Natal, em janeiro de 1943, os dois presidentes discutiram planos e visitaram a Base Aérea, já com a presença americana. Juntos, fizeram um comunicado à nação. “Estamos convencidos de que cada uma das Repúblicas Americanas está nela igualmente atingida e interessada. A força está na unidade. (...) Agradecemos sinceramente a cooperação que os nossos vizinhos (...) estão prestando à causa da democracia em todo o mundo.”<sup>276</sup>

Náufragos estrangeiros, sobreviventes de navios torpedeados pelos alemães e resgatados na costa brasileira, tinham nas estações de rádio do Recife a fonte de informação de que tanto precisavam. “Era do rádio do botequim da esquina que eles se socorriam para capturar notícias de seus países, manipulando o *dial*. Assim se sabia da existência de uma emissora, Radio Central, em Ancara, na Turquia; de outra, Nederland, na Holanda (...)”.<sup>277</sup>

Com sua fanfarra musical como tema de abertura e notícias curtas, o “Repórter Esso” continuava sendo o radiojornal mais moderno do que os programas de notícias da Rádio Tupi, Rádio Globo<sup>278</sup> e Rádio Jornal do Brasil. Pelo “Repórter Esso” passaram locutores famosos, como Celso Guimarães, Aurélio de Andrade, Rubens Amaral e César de Alencar. O gaúcho Heron Domingues, contratado em 1941, em Porto Alegre, tornou-se, em 1944, o principal locutor no Rio, depois de um difícil teste.<sup>279</sup> Domingues aprendeu todas as dicas do manual do programa e se transformou, de fato, no repórter Esso.

<sup>274</sup> Ibid., p. 185.

<sup>275</sup> Ibid, p. 189.

<sup>276</sup> <http://www.politicaparapoliticos.com.br/p.2>.

<sup>277</sup> Luiz Maranhão, op.cit., p. 190.

<sup>278</sup> A emissora das Organizações Globo foi inaugurada em 2 de dezembro de 1944.

<sup>279</sup> Luciano Klöckner, op.cit., p.63. Heron Domingues trabalhou no “Repórter Esso” até 1962.

Nenhum outro profissional soube dar emoção e enfatizar as palavras como ele, que se tornou exemplo de credibilidade.

As notícias locais não interessavam ao “Repórter Esso”. No contrato, o radiojornal se concentraria nas informações internacionais que vinham pela agência de notícias United Press Association (UPA). Getúlio Vargas, como todos os brasileiros, era fiel ouvinte do radiojornal. Em 1944, o presidente se encontrou com o locutor Heron Domingues no Palácio do Catete<sup>280</sup>:

– Heron, por que o “Repórter Esso” não transmite notícias sobre a Força Expedicionária Brasileira?

– Ora, senhor presidente, há uma lei que impede a veiculação de notícias locais...

O presidente, dirigindo-se ao seu chefe de gabinete, ordenou:

– Vamos corrigir essa lei imediatamente!<sup>281</sup>

### **3.2. Os correspondentes no front**

Os primeiros correspondentes e os donos de jornais tiveram que brigar com o DIP para cobrir a guerra. No primeiro escalão, foram recrutados apenas jornalistas da Agência Nacional. Aos poucos, outros correspondentes embarcaram para Itália, mas, antes, precisaram passar pelo crivo do Estado Novo. De Londres, Francis Hallawell foi transferido para a Itália e se transformou no Chico da BBC, o único correspondente de rádio do lado brasileiro.

Os três profissionais da Agência Nacional embarcaram no primeiro escalão da FEB, no dia 2 de julho de 1944. Foram eles: o correspondente Silvio da Fonseca e os cinegrafistas Fernando Stamato e Adalberto Cunha. Os proprietários

<sup>280</sup> Luciano Klöckner, “O ‘Repórter Esso’ e Getúlio Vargas”, II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004. O filho do locutor, Heron Domingues Júnior, contou esse fato ao historiador.

<sup>281</sup> Luciano Klöckner, *idem*.

de jornais continuaram a pressionar o governo: eles queriam registrar a guerra *in loco*. O credenciamento foi difícil e lento, segundo o historiador Leonardo Guedes Henn<sup>282</sup>. Foi parecido com o processo de estruturação das tropas brasileiras. “[...] coerentemente com a rígida centralização do controle sobre os meios de comunicação praticada pelo DIP, este órgão era também o responsável pela escolha daqueles que seriam os correspondentes de guerra junto à FEB”<sup>283</sup>.

Em seu livro *A FEB por um soldado*, o pracinha Joaquim Xavier da Silveira confirmou que o processo de escolha dos jornalistas foi complicado e ideológico. Depois da chegada dos soldados à Itália, no dia 16 de julho, o governo finalmente permitiu a ida de alguns correspondentes junto com os outros quatro escalões que partiram para a Itália. Joel Silveira tinha 26 anos quando foi chamado à sala de Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados. A ordem de Chatô ficou famosa: “O senhor vai para a guerra, mas não me (*sic*) morra, seu Silveira! Não me (*sic*) morra! Repórter é para mandar notícias, não para morrer. E adeus!”<sup>284</sup>

“Os mais importantes jornais do país começaram a apresentar ao DIP os nomes daqueles que seriam os futuros correspondentes de guerra. Nem todos os jornais foram escolhidos, nem todos foram aceitos. Um jovem jornalista, que escrevia no *Correio da Manhã* e no futuro teria destacado papel na política do País (...), não conseguiu: o jornalista Carlos Lacerda.”

“Após o processo de escolha (...), embarcaram para a Itália como correspondentes de guerra Rubem Braga, do *Diário Carioca*; Rui Brandão, do *Correio da Manhã*; José Barros Leite e Joel Silveira, dos Diários Associados; Egídio Squeff, de *O Globo*. (...) Outros membros da imprensa também estiveram na Itália, entre eles, Carlos Alberto Dunshee de Abranches, do *Jornal do Brasil*; a jornalista e cronista Sílvia Bettencourt (esposa do diretor do *Correio da Manhã*), que escrevia sob o pseudônimo de “Majoy”, representante da United Press (UP)”<sup>285</sup>.

Francis Hallawell foi convocado pela BBC para trabalhar junto à FEB na Itália e chegou ao acampamento no dia 10 de outubro<sup>286</sup>. Não se sabe como se

<sup>282</sup> Leonardo Guedes Henn, “Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Força Expedicionária Brasileira”, artigo que corresponde a uma parte da dissertação de mestrado em História do autor defendida na Unisinos em 2000.

<sup>283</sup> *Ibid.*, p. 174.

<sup>284</sup> <http://avibora.blogspot.com.br/2011/05/trabalho-como-correspondente.html>

<sup>285</sup> Joaquim Xavier da Silveira, *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989, p.125. Nota: UP, abreviação de UPA.

<sup>286</sup> Informação dada pela BBC.

deram as negociações entre a emissora inglesa e o governo brasileiro. Havia tensões entre a BBC e o Estado Novo desde 1938. Membro de uma família inglesa e tendo estudado na Inglaterra, Hallawell conservou parte do sotaque. Por isso, muitos pesquisadores que se debruçaram sobre os estudos do rádio na Segunda Guerra ficaram com a impressão de que ele era inglês. Joaquim Xavier da Silveira elogiou o correspondente Chico da BBC em seu livro, descrevendo-o como uma “figura popular na FEB” e rapidamente ao grupo brasileiro. Era considerado comunicativo e camarada, como definiu o jornalista Thassilo Mitke.<sup>287</sup> Segundo Carmen Lúcia Rigoni,<sup>288</sup> “as notícias brasileiras chegavam aos jornais por meio de telegramas, radiofotos, de código Morse e até por via aérea”.

“Tais notícias eram filtradas pelas censuras militares norte-americana e brasileira. Para entender a questão da censura feita aos jornais da época, no que diz respeito a notícias da FEB, é relevante o testemunho de Thassilo Mitke” (...)<sup>289</sup>.

“Sabíamos da censura do DIP. Escreveu, então mostra para o censor. O censor lia o que era escrito e, depois, carimbava autorizando os escritos. Caso contrário, a edição era apreendida pela polícia”.<sup>290</sup>

Apesar de ser datilógrafa de falas obtidas em rádios inimigas, Julienne Hallawell não era informada sobre as decisões políticas na BBC. Já casada com Francis, ela levou um susto quando soube que o marido estava indo trabalhar na Itália como correspondente junto às tropas brasileiras. Segunda Julienne, ele passou por vários treinamentos antes de se tornar um correspondente.<sup>291</sup>

– Francis me disse que haviam pedido para ele fazer a cobertura dos pracinhas. “E você aceitou?”, eu perguntei. “Eu aceitei”, ele me disse. Fiquei possessa, mas ele se mandou. Francis foi para Itália via África. Ele não podia me dar muitas explicações por uma questão de segurança. Naquela época, era tudo muito perigoso. Eu não podia falar com ele nem por telefone. Eu quis ir à guerra, mas não podia. Só se eu fosse enfermeira ou médica. Tinha que ser útil; a mulher não podia viajar só para acompanhar o marido.<sup>292</sup>

<sup>287</sup> Entrevista feita por telefone em julho de 2011.

<sup>288</sup> Carmen Lúcia Rigoni, *op.cit.*, p. 4. Os correspondentes usavam a America Cable e a America Press. Sem o carimbo da censura americana, a notícia não era enviada.

<sup>289</sup> Correspondente da Agência Nacional, Thassilo foi o último a chegar ao teatro de guerra, aos 21 anos.

<sup>290</sup> Thassilo Mitke apud. Carmen Lúcia Rigoni, *idem*.

<sup>291</sup> Entrevista com Julienne, já citada. Ela não explicou que treinamentos foram esses.

<sup>292</sup> *Idem*.

### 3.3. Desembarque na Itália

A ida dos pracinhas para guerra trouxe orgulho para os brasileiros e espanto aos aliados que não acreditavam ser possível treinar soldados e equipá-los em curto espaço de tempo. A notícia da chegada ganhou espaço nos jornais e em várias estações de rádio, inclusive americanas e inglesas. Os correspondentes se dividiram em dois grupos na Itália: os brasileiros e os estrangeiros. Criou-se um clima de camaradagem, apesar da disputa pelo serviço telegráfico que levaria as notícias, em primeira mão, para o Brasil.

Na primeira página do jornal *O Globo* do dia 18 de julho de 1944, a manchete anunciava a chegada dos soldados brasileiros na Europa. “Desembarcaram em Nápoles contingentes de nossas forças expedicionárias”.<sup>293</sup> Na mesma edição, uma matéria mantinha o tom ufanista comum na imprensa durante toda a guerra: “Missão gloriosa dos soldados do Brasil”. Em outra chamada de capa, aparecia a dura realidade: “Mais 33 pilotos aliados fuzilados”.<sup>294</sup>

“A FEB não foi criada para responder à demanda dos aliados, mas surgiu como resultado da exigência brasileira junto aos EUA. (...) não chegou à Itália de uma só vez, mas em vários escalões. Eram uns 15 mil combatentes entre os 25 mil, e nunca todos estiveram empregados ao mesmo tempo em um só lugar”.<sup>295</sup>

No navio americano *General Mann*, os americanos chegaram a reclamar dos soldados brasileiros: eles comiam demais e não seguiam as instruções de segurança. “Perto de Gibraltar, foi captada uma transmissão da BBC afirmando que os soldados brasileiros estavam a caminho da Itália, e o fato de a rádio estar fazendo esse anúncio, quando todos temiam os submarinos, não fez ninguém sentir-se mais seguro”.<sup>296</sup>

Na época, nem todos os brasileiros souberam como foi difícil reunir os homens que iriam integrar a FEB. Isso porque, na seleção médica, os candidatos deveriam ter “cinco anos de escolaridade, 26 dentes na boca (essa

<sup>293</sup> Aluizio Maranhão, op.cit., p. 55.

<sup>294</sup> Pilotos da RAF, força aérea inglesa.

<sup>295</sup> William Waack, *As duas faces da glória. A FEB vista pelos seus aliados e inimigos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985, p.41.

<sup>296</sup> Ibid., p. 31.



foi a maior causa de rejeição médica), altura de 1,65m no mínimo, peso mínimo de 60kg, e uma saúde aparente boa).<sup>297</sup>

Um radialista da CBS transmitiu pelo rádio, em um português com sotaque, o desembarque.<sup>298</sup>

“Estamos no Porto de Nápoles. Viemos aqui esta manhã para receber uma nova força expedicionária que, justamente neste momento, está chegando para se juntar aos combatentes de tantas outras nações que se acham engajadas na frente italiana. É a Força Expedicionária Brasileira, a primeira da América Latina a atravessar o mar”.

Em outra gravação,<sup>299</sup> sem registro de data, um *speaker* da BBC fez um programa para falar sobre a Grã-Bretanha, a guerra, e, por fim, saudou os pracinhas.<sup>300</sup>

“Quero terminar esse meu comentário com algumas palavras sobre o desembarque das tropas brasileiras. Os correspondentes de guerra britânicos ficaram otimamente impressionados com os soldados brasileiros, e as suas impressões foram ouvidas por multidões de ouvintes aqui na Grã-Bretanha. Sentimo-nos orgulhosos de que os homens do Brasil estarão, em breve, combatendo lado a lado com os nossos e os demais soldados das Nações Unidas, na Itália. Esperamos que os nossos vínculos de amizade, que há tantos anos unem nossos dois países, possam ser quebrantemente (*sic*) fortalecidos [diante da?] provação que estamos sofrendo”.<sup>301</sup>

Os soldados também pareciam satisfeitos de chegarem à Itália. Pelo menos era isso que a imprensa tentava reforçar nos jornais que produziram as notícias na Europa. O sargento Hélio Marques, estudante de Odontologia no Rio de Janeiro, deu entrevista ao *Globo*<sup>302</sup>: “Naturalmente, estamos muito satisfeitos. Por que não? Boa comida, boa viagem, muita rapidez, boa camaradagem, nenhuma interferência do inimigo... E depois, a grande recepção”. Nem tão grande assim. Depois da guerra, os soldados que estiveram no mesmo escalão de Marques garantiram que o porto estava vazio naquele dia.

<sup>297</sup> Ricardo Bonalume Neto, *A nossa segunda guerra. Os brasileiros em combate, 1941-1945*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1995, p. 126.

<sup>298</sup> Documentos sonoros. *Nosso Século*. Op.cit., faixa 39.

<sup>299</sup> Arquivo Nacional, gravação 0139, DSO.

<sup>300</sup> Para explicar o que era um *pub*, o locutor disse que era o local onde as pessoas iam bebericar – “não muito” – e aproveitavam para pôr as conversas em dia. “É pretexto para uma boa conversa”. Depois de comentar sobre as colheitas e as geadas, denunciou “a bomba voadora de Hitler” que matava indiscriminadamente, o que vinha provocando “a cólera dos ingleses”.

<sup>301</sup> Arquivo Nacional, Idem.

<sup>302</sup> *O Globo*, editorial, 27 de julho de 1944, Apud. Carmen Lúcia Rigoni, op.cit.

Na Itália, os soldados brasileiros foram incorporados ao 4º corpo do 5º Exército americano. A descrição do acampamento dos correspondentes foi dada por Joel Silveira, que viajou no 2º escalão. Os brasileiros ficavam separados dos estrangeiros. Ao chegar ao dormitório, Silveira viu Squeff batendo um texto na máquina de escrever, Brandão soterrado debaixo de cobertores e Braga estudando um enorme mapa.

“A sala é grande, dividida ao meio por outra lona verde, e são seis as pequenas camas, espalhadas sem simetria. Há uma mesa retangular no centro, feita de tábua rústica, mas me explicam logo que no andar de cima existe uma sala especial para correspondentes. ‘Especial e fria como um cemitério’, me diz Squeff. Quando o frio aumenta – e está aumentando de dia para dia, de hora em hora –, os jornalistas, brasileiros, ingleses e americanos, preferem escrever cá embaixo mesmo, nos dormitórios, de janelas hermeticamente fechadas e todos enrolados em várias camadas de lã. Ao lado é a sala-dormitório dos correspondentes estrangeiros: Henry Bagley, da Associated Press; Harry Buckley, da Reuters; Frank Norall e Allan Fisher, da revista *Em Guarda*, editada pelo Coordinator of Inter-American Affairs, e Frances (*sic*) Hallawell, da BBC. É uma gente simpática, me dizem; e a prova disso é que logo me cercam e me bombardeiam com perguntas sobre o Brasil”.<sup>303</sup>

### 3.4. Os trabalhos de Francis Hallawell

Os correspondentes eram alvos de três tipos de censura – a que se faz em uma guerra, a do Exército brasileiro e a do DIP. Por isso, passaram a se dedicar a temas corriqueiros, os bastidores, o retrato do homem comum que lutava na frente de batalha. Para cumprir com a obrigação de mandar uma crônica por dia, Hallawell decidiu “contratar”<sup>304</sup> os jornalistas brasileiros e soldados que passaram a ser seus colaboradores. Ele também fazia programas especiais para Bento Fabião, que ficava em Londres, e fornecia material para o jornal local *O Cruzeiro do Sul*, que começou a circular no dia 3 de janeiro de 1945 e teve 34 edições até o dia 3 de maio. A publicação pertencia ao Serviço Especial da FEB.

Os serviços da BBC, da Coordenação de Assuntos Interamericanos e da Agência Nacional podiam ser publicados em qualquer jornal brasileiro sem

<sup>303</sup> Joel Silveira e Thassilo Mitke, *A luta dos pracinhas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2ª edição, 1983, p.50.

<sup>304</sup> Segundo Thassilo Mitke, as contribuições não eram pagas.

custos. A maior parte desse material também saía duas vezes por semana no jornal *O Cruzeiro do Sul*.<sup>305</sup>

[...] então eu peguei todos eles para fazer um programa. Agora eu tinha por semana cinco ou seis dos melhores jornalistas me dando todos eles alguma coisa todos os dias. Eu tinha que ter um programa pronto toda noite em Londres. Então fui aumentando, e em pouco tempo eu tinha um estoque em Londres de uns dez, quinze programas para eles irem colocando no ar. Nós fazíamos crônicas, e se acontecesse alguma coisa especial, a gente passava por telegrama. Mas o principal eram as crônicas”.<sup>306</sup>

O jornal *Cruzeiro do Sul* anunciou o início das colaborações:

“A BBC de Londres iniciou sob este título, no dia 1º de janeiro, uma série de programas nos quais serão ouvidas as vozes dos correspondentes brasileiros junto à FEB. Além de Francis Hallawell, a cujo cargo está a nova série, colaboram os seguintes correspondentes: “Veterano”, do *Correio da Manhã*, Egydio Squeff, do *Globo*; Rubem Braga, do *Diário Carioca*; Joel Silveira, dos Diários Associados, e ‘Majoy’, do *Correio da Manhã*. A série incluirá também uma crônica semanal intitulada ‘Diário e Pensamento dos Expedicionários’, escrita pelo capitão Santa Luzia, do Serviço de Correio.”<sup>307</sup>

Chico da BBC transmitia seus relatos e despachos por meio de telegramas. Já os programas eram gravados com a ajuda do técnico Douglas Farley<sup>308</sup>, que tinha o equipamento montado em um carrinho especialmente desenvolvido pela BBC para seus correspondentes de guerra.

“(...) feita a gravação, ela tinha que chegar a Londres, e, para isso, tinha que ser levada a Florença, numa viagem de ida e volta em *jeep*, de mais ou menos três horas. De lá era despachada no malote do 5º Exército para Roma e entregue à estação da BBC, que a transmitia para Londres, onde era novamente gravada e então irradiada para o Brasil. Quando a gente estava em Roma, fazia umas irradiações diretas para Londres”.<sup>309</sup>

Além de algumas fotos feitas na Itália, medalhas, uma coleção de discos de 78 rotações com os programas que ele mandava da guerra, Francis Hallawell preservou uma pequena raridade: a compilação feita em 1946, a pedido da BBC,

<sup>305</sup> Nessa data, saiu a seguinte manchete: “Morto Adolf Hitler. O Almirante Doenitz, novo chefe da Alemanha, anuncia a morte do Führer”.

<sup>306</sup> Francis Hallawell apud Lalo Leal, op.cit., 2008, p.33.

<sup>307</sup> *O Cruzeiro do Sul*, dia 10 de janeiro, página 4.

<sup>308</sup> Lalo Leal, op.cit., p. 32. O personagem aparece em uma foto, mas não há nenhuma outra referência sobre ele.

<sup>309</sup> Francis Hallawell, *O rádio no Brasil. BBC Serviço brasileiro*. Londres: *BBC World Service Publicity Design*, 1989, disco nº 12.

dos textos irradiados durante a guerra. No livro *Scatolettas da Itália. Seleção de reportagens dos Correspondentes Brasileiros na Itália, irradiadas pela BBC*<sup>310</sup>, foram reunidas sete crônicas assinadas por Hallawell e 37 de seus colaboradores. A publicação de capa amarela ganhou ilustrações de Carlos Scliar, cabo da FEB e jovem pintor.

Na crônica *Quebra-galho do correspondente de guerra*, de janeiro de 1945<sup>311</sup>, Chico da BBC revelou a dificuldade de se escrever quando a frente de batalha se tornava estacionária.

“A falta de notícias de uma frente qualquer dá logo a impressão de que essa frente está morta. Mas posso garantir que nesta guerra não há frente de combate que se possa dar ao luxo de estar morta. (...) Acontece, portanto, que quando o interesse de um país inteiro está centralizado num setor – como no nosso caso – e esse setor se torna estacionário, a opinião pública parece tirar imediatamente uma das seguintes conclusões extremas: ou se convence de que não há luta nenhuma e todo mundo está se divertindo muito, (...) promovendo festas, e os soldados começam a receber cartas do Brasil invejando a sorte que têm de visitar a Itália, como um grupo de turistas; ou então os extremistas opostos escolhem um combate isolado que aparece em algum despacho e passam a atribuir-lhe as proporções de uma batalha decisiva, e escrevem aos soldados manifestando sua desilusão, porque as linhas inimigas não se esfacelaram em poucos dias.”

No prefácio do *Scatolettas*, o diretor geral da BBC, Sir William J. Haley, elogiou o Brasil por ter sido o país que, pela primeira vez na “História” enviou tropas para lutar em solo europeu. Foram defender “a causa da liberdade e da justiça”.

“Esse livrinho contém alguns dos despachos enviados e as gravações feitas durante a campanha. Foram selecionados de modo a fornecer, dentro dos limites de espaço disponível, um quadro tão vívido quanto possível da ação de todos os dias do Exército e da Força Aérea do Brasil e, além disso, tem em vista servir de lembrança permanente aos que serviram nas forças armadas brasileiras, naqueles dias emocionantes.

É motivo de orgulho e de prazer para a BBC que, por intermédio de seus correspondentes, tenha podido prestar algum serviço à FEB e, assim, reforçar os laços de amizade que sempre existiram entre a Grã-Bretanha e o Brasil.”<sup>312</sup>

A palavra *scatoletta* se referia a uma caixinha com a comida que o Exército dos Estados Unidos distribuía para as tropas. “Depois de usada, os

<sup>310</sup> Francis Hallawell, *Scatolettas da Itália*. Londres: BBC, 1946.

<sup>311</sup> Francis Hallawell, op.cit., p.16.

<sup>312</sup> Idem, p.3.

soldados colocavam dentro dela tudo que tinha algum valor e saíam trocando pelo que precisavam”.<sup>313</sup> Na contracapa do livro, Hallawell explicou melhor o significado da palavra.

“Acontecia, por exemplo, que alguém tinha na carteira várias notas de cem ou mesmo de mil liras. Essas notas não interessavam absolutamente ao camponês italiano, nos setores do *front*; ele negociava estritamente mediante um regime de troca. Uma lavadeira poderia ser induzida a lavar a roupa da semana em troca de três velas e um pedaço de sabão. Talvez fosse possível arranjar meia dúzia de ovos, de alguma fazendola próxima, mediante algumas barras de chocolate e um pouco de goma de mascar. Mas nunca – e repetimos: nunca – se poderia esperar conseguir qualquer dessas coisas com as preciosas liras”.<sup>314</sup>

O soldado e escritor Joaquim Xavier da Silveira<sup>315</sup> lembrou-se de outros detalhes das *scatolettas*, que ele traduziu como caixinhas impermeabilizadas e embaladas a vácuo. Havia, segundo ele, três tipos de rações servidos aos soldados, dependendo da ocasião. “A ração K, conhecida como ração de assalto, era entregue à tropa com orientação de só usá-la em casos extremos, quando não havia a menor possibilidade de chegar outro alimento”.<sup>316</sup> Ao todo, continha 900 calorias, consistindo de café ou limonada solúvel, chocolate, biscoitos, lata de queijo, patê ou sopa, cigarros e fósforos e tabletes de purificador de água.

O que os italianos mais desejavam, em época de escassez de alimentos, eram os chocolates, chicletes e caramelos das rações. Em troca desses produtos, eles podiam fazer vários serviços que nem sempre eram bem-vistos pelas autoridades da FEB. Ao chegar à Itália, Rubem Braga percebeu que os italianos esperavam os soldados no porto em busca dessas delícias.

“Não faltam, de resto, os pedintes, homens e mulheres e crianças de voz chorosa que sempre dizem a mesma coisa, que vou transcrever de ouvido, sem saber como se escreve direito em italiano: “*Tutto rovinato. Tutto bombardato. Gli tedeschi hanno portato via tutti quanti. Niente a manjare, molto lavorare. Una sigaretta, cioccolata, caramella. Una scatoletta*”.<sup>317</sup>

<sup>313</sup> Lalo Leal, 2008, op.cit., p. 33.

<sup>314</sup> Francis Hallawell, ibid., contracapa.

<sup>315</sup> Joaquim Xavier da Silveira, op.cit., p.99.

<sup>316</sup> Idem.

<sup>317</sup> Rubem Braga, *Crônicas da guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986, p.279.

Ao gravar a crônica radiofônica “Hora do Rancho”<sup>318</sup>, com 4’12 minutos de duração, Francis Hallawell tentou mostrar o que os soldados comiam na cozinha da retaguarda. Bem-humorado, extraía informações cotidianas de seus entrevistados.

Fala Francis Hallawell com o programa gravado no acampamento da Força Expedicionária Brasileira, na frente italiana. Hoje a reportagem é séria mesmo. Portanto, vamos ao que importa.

Sineta tocando.

Francis Hallawell – É isso mesmo. Está na hora do rancho, da gororoba. O sargento do rancho está trabalhando que nem tambor em dia de festa. (...). O pessoal nem espera para apanhar a boia, pois o trabalho aqui na frente é duro mesmo, e nem *jeep* funciona sem gasolina. Bem, vamos ouvir na própria voz do sargento do rancho, Arlindo Formé, de São Paulo, o menu de hoje. Ao microfone da BBC, o *maitre* do hotel do quartel-general da FEB.

Francis Hallawell – Sargento, primeiro de tudo, o menu. O que há de bom para hoje?

Sargento – Canja, arroz, feijão, carneiro assado e sobremesa.

Francis Hallawell – É pra mim. E agora queremos saber qual é o maior espeto nesse seu trabalho pouco grato.

Sargento – A coisa mais dura é desviar de inglês. Mas há outras encrencas por aqui. Por exemplo, quando o fogão dá pra trás, então, já sabe (...).

Francis Hallawell – E agora, a título de contraste: qual é a vantagem que você leva nesse negócio? Agora, não vai você me dizer que não há nenhuma vantagenzinha...

---

<sup>318</sup> Transcrição da gravação AER 111.03, sem data, adquirida na Collector’s.

Sargento – Pois você sabe. Aqui, a gente está com a faca e o queijo na mão. Mas há uma vantagem ainda maior. Aqui na frente italiana, os cozinheiros têm uma cotação única.

Francis Hallawell – Única, hein, seu Cabral? (...) Você quer dizer com isso que é com as pequenas, seu sargento?

Sargento – Bem, sim, com as pequenas também.

Os fatos do dia 6 de junho de 1944<sup>319</sup>, conhecido como o Dia D, ganharam grande espaço nas rádios do mundo inteiro. Cerca de 300 emissoras retransmitiram a BBC em português e espanhol. “Norman Zimmern, que sucedeu a Cedric Cliffe na chefia do serviço, afirmou que ‘a maioria dos latino-americanos sintoniza automaticamente a BBC quando quer encontrar notícias precisas sobre a guerra e confirmar ou refutar rumores não oficiais.’”<sup>320</sup>

De todos os colaboradores de Francis Hallawell, Rubem Braga era o mais afinado cronista, capaz de tirar poesia de onde menos se esperava.

“Obscuro e quase esquecido no noticiário dos rádios e dos jornais do mundo, longe dos feitos sensacionais e das proezas dramáticas, o pobre Téco-Téco, na sua vida modesta e rotineira, é, ele também, um instrumento de morte do nazista, uma preciosa máquina trabalhando todo dia na construção da Vitória”.<sup>321</sup>

Para o *Diário Carioca*, Braga escreveu, em fins de dezembro de 1944, o seguinte texto:

“Mas um correspondente é, afinal, um turista. Sim, eu sou um boa-vida e posso confessar que no primeiro dia em que vi essas montanhas totalmente cobertas de neve, e as fontes que saltavam das pedras transformadas em faíscas de gelo – embora fosse um dia ruim em toda a frente, um dia de apreensões –, fiquei incapaz de escrever qualquer coisa sobre a guerra. Voltei à minha infância, lembrei a primeira vez que vi o mar – e deixei o refúgio aquecido, inventando uma visita a uma bateria onde não tinha nada o que fazer, só para caminhar na neve funda, sob o céu esplêndido em que a lua crescia”.<sup>322</sup>

<sup>319</sup> Data em que os soldados aliados desembarcaram na Normandia.

<sup>320</sup> Gerald Mansell, Apud. Lalo Leal, op.cit., p. 35.

<sup>321</sup> Francis Hallawell, op.cit., p.15.

<sup>322</sup> Rubem Braga, op.cit., p. 81.

Na crônica *Neve*<sup>323</sup>, Braga reagiu à crítica do colega Joel Silveira que o acusara de só falar em neve e frio, e que assim iria levar a gripe ao Rio de Janeiro. “Sim, a neve é monótona, escrever sobre a neve é monótono, e o leitor pode até pegar uma pneumonia, mas não tenho alternativa. (...) Passei três meses chovendo nessas colunas e durante estes três meses nevarei. Nevarei, nevarei, implacavelmente, nevarei até pelo menos março (...)”

Na crônica “A BBC e a FEB”<sup>324</sup>, escrita em 1945, Hallawell citou uma passagem bíblica para contar um pouco da história da emissora e como a BBC decidiu mandá-lo para a Itália, como correspondente.

“(...) no ano passado, a direção da emissora de Londres teve a agradável notícia de que ia ter de fazer mais força ainda. É que estavam chegando à Itália os soldados brasileiros, com o propósito de brigar a mesma briga dos britânicos e das outras nações unidas. Era um caso único e histórico: pela primeira vez, vinham lutar nos campos de batalha europeus forças de um país sul-americano. E daí em diante, era natural que o ouvinte brasileiro desejasse, antes de mais nada, notícias sobre os soldados da FEB, e a BBC viu logo que o seu serviço para o Brasil não estaria completo sem uma irradiação especial dedicada às atividades dos expedicionários brasileiros. E, mais do que isso, era preciso também mandar-se um correspondente especial, com o encargo exclusivo de cobrir a atuação da FEB, transmitindo ao ouvinte um quadro da vida de campanha do nosso soldado”.

*O Cruzeiro do Sul* tinha um perfil mais oficial, mas outras publicações circularam entre os brasileiros na Itália: *A Voz do Petrecho*, *O Camelo*, *E a Cobra Fumou!*, *Zé Carioca*, *Vem Rolando*, *Marreta* e *Tá na mão* eram informais e espontâneas.<sup>325</sup> Era mais espontânea e talvez próxima dos soldados. “Essa imprensa, que seria chamada hoje de alternativa, teve enorme importância, pois era um elo de ligação (*sic*) com o soldado que estava em combate ou na execução de uma missão, propiciando uma fuga, um momento de lazer no meio do quadro estressante da guerra.”<sup>326</sup>

Além disso, os aliados escreviam volantes em alemão e os alemães escreviam volantes em português, como forma de propaganda. Muitos apareciam nos bolsos dos soldados alemães, quando eram presos ou deserjavam. Os volantes

<sup>323</sup> Ibid., p. 99.

<sup>324</sup> Francis Hallawell, op.cit., pp.63-64.

<sup>325</sup> Joaquim Xavier da Silveira, op.cit., p. 126.

<sup>326</sup> Idem.



funcionavam “como ‘salvo-conduto’ para o homem que deseja se entregar”.<sup>327</sup> Um soldado alemão pediu que seu nome fosse mencionado pela BBC, e deu seus motivos: assim, enviaria uma mensagem cifrada à família, que escutava escondido a emissora inglesa, e ainda seria visto como herói pelas autoridades de seu país.

Os volantes alemães usavam argumentos para tentar fazer com que os soldados brasileiros desistissem da guerra. Nem sempre acertavam o português: “(...) por que é que ‘vocês’ abandonaram a ‘vossa’ terra, cheia de sol e radiante...”.<sup>328</sup> Em algumas ocasiões, os correspondentes entravam em contato com os soldados alemães, todos chamados de “Fritz”. Joel Silveira contou, em *O inverno da guerra*,<sup>329</sup> o momento em que um alemão foi preso e levado para ser ouvido pelos jornalistas. “Meu colega Francis Hallawell, da BBC, perguntou<sup>330</sup> ao cabo alemão o que ele achava dos soldados brasileiros. O cabo respondeu: ‘são muito violentos e agressivos. (...) os tenentes e os sargentos nos avisam diariamente para termos muito cuidado com os brasileiros.’”

Na crônica radiofônica *Rendição Incondicional*, de 30 de abril de 1945, Francis Hallawell contou aos ouvintes da BBC como foi a vitória nas cidades de Colecchio e Spezzia, em que a FEB capturou 300 soldados alemães.<sup>331</sup>

“Os soldados alemães chegavam sorrindo e cantando, porém, antes de dispersarem (*sic*), ainda completamente armados, o comandante de cada pelotão os mandava formar e se despedia de cada um. Um capitão prussiano, tipo valentão, desmanchou-se em lágrimas e soluços. (...) Haviam nos informado que o número total de prisioneiros seria seis mil, porém, quando completou-se a rendição, o número se elevava a mais de 14 mil”.

Também no mês de abril, Hallawell irradiou a crônica *Guerra de perseguição*<sup>332</sup>, em que descreveu a libertação de Bolonha. Ele falou sobre as estradas secundárias da Itália, caminhos estreitos, antes usados apenas por mulas, fazendo do trabalho do jornalista uma aventura. “Uma vez na estrada, não havia possibilidade de voltar. Assim, continuamos para a frente, subindo e descendo

<sup>327</sup> Rubem Braga, op.cit., p.71.

<sup>328</sup> Ibid., p. 72.

<sup>329</sup> In Lalo Leal, op.cit., p.33.

<sup>330</sup> Segundo a viúva, Hallawell não falava alemão. A conversa deve ter sido em inglês.

<sup>331</sup> Francis Hallawell, op.cit., pp. 55-56.

<sup>332</sup> Ibid., p. 55.

morros e, mais uma vez, atravessando cursos d'água. Cada casa de campo, cada pequena aldeia por onde passamos, estava em ruínas.”

No Brasil, além dos jornais que tinham correspondentes ou reproduziam as notícias de agências, outros dois veículos de comunicação criaram uma estreita ligação entre os soldados e suas famílias: o *Boletim da Legião Brasileira de Assistência (LBA)* e *O Globo Expedicionário*. Além de mandar presentes para os soldados, recolhidos em diversas campanhas, e ajudar as famílias dos pracinhas, a LBA<sup>333</sup> publicava o impresso, que permitia mensagens pessoais.

“Logo após os primeiros combates em solo italiano, o Boletim criou a coluna ‘Galeria dos Heróis’. Além dos *slogans* especiais que enalteciam os combatentes – ‘Confiamos em vocês’, ‘Os feridos da FEB’ e ‘O Brasil condecora seus heróis’ –, grande parte do espaço era reservado à presidente da LBA, Darcy Vargas, para suas mensagens”.<sup>334</sup>

O tabloide semanal *O Globo Expedicionário* circulou de 7 de setembro de 1944 a maio de 1945 no Brasil e nos acampamentos da FEB. No primeiro número, a manchete era sensacionalista: “Cobri-vos de glória! Quarenta e cinco milhões de brasileiros acompanham confiantes a vossa heroica atuação”.<sup>335</sup> Hoje, é possível ver o quanto essas mensagens eram afinadas com os objetivos do governo de enaltecer os pracinhas acima de tudo.

“À medida que se avalia o discurso grandiloquente movido pela imprensa nacional, ao descrever a campanha, os homens, as armas e os equipamentos, percebe-se a difusão de uma imagem heroica dos feitos brasileiros, que não condiz com a realidade vivenciada pelos soldados, e que tinha objetivo único de reafirmar o discurso estado-novista”.<sup>336</sup>

Francis Hallawell preparou um programa especial para o Natal de 1944.<sup>337</sup>

Estava muito frio na Itália, e vários cronistas comentaram sobre o sacrifício de lidar com a neve e com temperaturas que chegavam a menos de 10 graus. Nos *foxholes*, buracos cavados no chão, os soldados se escondiam de maneira desconfortável. Na introdução da crônica sobre o Natal, o correspondente contou como foi a viagem. Sempre levando seu carrinho de gravação, entrevistou

<sup>333</sup> Fundada em 28 de agosto de 1942, pela primeira-dama Darcy Vargas.

<sup>334</sup> Carmen Lúcia Rigoni, op.cit., p.11.

<sup>335</sup> *O Globo Expedicionário. O Brasil na II Guerra Mundial*. Agência O Globo, 1985.

<sup>336</sup> Carmen Lúcia Rigoni, ibid., p.15.

<sup>337</sup> Disco de 78 rotações, cedido por Julienne Hallawell.

os soldados que encontrava pelo caminho. O último trecho foi gravado em Pisa, onde um padre fez uma saudação na Catedral e, em seguida, um coral de soldados brasileiros cantou “Pastorinhas”, de Noel Rosa e Braguinha.

### Programa de Natal<sup>338</sup>

Francis Hallawell - Naquela semana, com o auxílio do microfone da BBC, fizemos uma viagem rápida através dos vários acampamentos e serviços que compunham a FEB. Depois de percorrermos mais de 1.500 quilômetros com o nosso carrinho de gravação, seguimos para Roma com um programa através do qual o Brasil iria ouvir uma irradiação da estação de Londres da própria voz do soldado brasileiro nos seus vários postos na frente de guerra.

Mas voltemos ao início da nossa jornada de Natal. Tomamos em primeiro lugar a estrada que saía de Porreta em direção à frente e avançamos o máximo possível para as posições de combate. Encontramos alguns soldados que se separavam para seguir para a linha de frente e outros barbados, cansados e sujos de lama que voltavam para algumas horas de descanso. Um deles passou ao alcance do nosso microfone, e aqui está a gravação que fizemos.

Hallawell – Ó, Félix, de onde você está chegando?

Soldado – Estou chegando do *front*.

Hallawell – Você parece um pouquinho cansado. Vem caminhando desde lá?

Soldado – Estou sem dormir, estou muito cansado.

Hallawell – Sem dormir? Mas há quantas horas você não dorme?

Soldado – 48 horas.

Hallawell – 48 horas! E está caindo muita coisa lá na frente?

Soldado – Está. Está caindo muita granada, muita bomba. Muita metralhadora.

Hallawell – Quer dizer, então é lá que estão falando todas as línguas, não é? E o pessoal lá, como vai?

---

<sup>338</sup> Idem, transcrição.

Soldado – O pessoal vão (*sic*) indo sem muita novidade. Morrendo pouco, pouca gente.

Hallawell – Mas aguentando bem?

Soldado – Vai aguentando (*sic*)...

Hallawell – E, nesse Natal, onde estão os seus pensamentos?

Soldado – Meus pensamentos está (*sic*) todo no Brasil, na casa de minha família.

Hallawell – Em Bahia?

Soldado – Em Bahia e na Capital do Rio de Janeiro também.

Hallawell – Muito obrigado.

Chico da BBC elogiava os soldados brasileiros, criticar o inimigo e, se desse, fazia uma piada ou um trocadilho. Thassilo Mitke contou como era a rotina do profissional da imprensa e as longas viagens que era preciso fazer para obter a autorização oficial.<sup>339</sup>

– Chico me entrevistou quando a FEB começou a ganhar as batalhas de Castelnuovo. Não ouvíamos a BBC na Itália, mas havia um grupo do comando geral que acompanhava o que as outras rádios falavam da FEB. A BBC era uma referência internacional por sua seriedade e postura crítica, apesar de ser uma estação oficial. Havia uma rádio alemã clandestina feita para nos desmoralizar: a Rádio Auriverde. O cineasta Sylvio Back<sup>340</sup> usou esse material mais tarde em um filme. Eu o critiquei porque desmoralizava a FEB, parecia que não havia combate. Os soldados só apareciam tocando violão. Espinafnei com ele, estava tudo errado.

– Eu ia para frente de batalha, mas a maioria dos correspondentes não ia. O Chico não tinha estrutura técnica para ir, mas os outros podiam ir e se recusavam. O Dunshee de Abranches, por exemplo, do *Jornal do Brasil*, chegou de luvas e cachecol, ficou uns dois dias e foi embora. Em Roma, podíamos ficar no Hotel de la Ville e tínhamos uma autorização do 5º Exército para comer de graça. Além

<sup>339</sup> Entrevista feita em julho de 2012, já citada.

<sup>340</sup> Sylvio Back dirigiu o filme “Rádio Auriverde”, em 1990.

disso, eu tinha franquia no America Cables e na Western para passar o material por telégrafo. O Rubem Braga<sup>341</sup>, por exemplo, não tinha esse serviço.

Muitas vezes, devido à rígida censura e às dificuldades de acesso aos locais do combate, os profissionais preferiam esperar os comunicados oficiais junto aos quartéis-gerais, para depois simplesmente construírem os seus textos com base nessas informações.<sup>342</sup> Chico da BBC garantiu que não era fácil conseguir informações para escrever as crônicas.

“Quanto à maneira como foram colhidos os programas da BBC na Itália – isso o expedicionário sabe tão bem quanto eu –, foi ‘à unha’. Fizemos uma sociedade feliz – o expedicionário e as autoridades da FEB entraram com a tradicional boa vontade e o senso de humor brasileiros, e a BBC forneceu o microfone”.<sup>343</sup>

No dia 29 de novembro, Rubem Braga encontrou-se com o coronel Castelo Branco, chefe da 3ª Seção (Operações). O coronel mostrou um mapa e um plano de ataque. “O comando perguntava quantos correspondentes queriam assistir ao combate e quantos preferiam ficar no QG. Todos, menos eu, optaram por ficar no QG, onde tinham meios de transmitir prontamente as notícias que lá chegassem.”<sup>344</sup> Rubem Braga foi o correspondente que mais se aproximou do front. Suas 20 páginas foram devidamente censuradas pelo DIP.

No verso de uma foto da BBC, onde aparece Francis Hallawell olhando o relógio para controlar o tempo da entrevista com o general Zenóbio da Costa, lê-se o carimbo em vermelho: “*Passed by Censor*”. Na sua crônica sobre a “Mala Postal”, Chico da BBC comentou, *en passant*, sobre as cartas “que dão tanto prazer à tropa e tanto trabalho aos censores”.<sup>345</sup> Os correspondentes estrangeiros também sofriam a censura de guerra<sup>346</sup>, mas nada que se comparasse à pressão que os militares e o DIP exerciam sobre os brasileiros. “O Brasil contava com uma tradição de imprensa cerceada e que tinha a linha editorial dos jornais ditada pelos proprietários. Por outro lado, (...) nos Estados Unidos e na Inglaterra, a

<sup>341</sup> Mitke disse que foi um erro não dar a permissão a Rubem Braga.

<sup>342</sup> Leonardo Guedes Henn, *op.cit.*, p.184.

<sup>343</sup> Francis Hallawell, *op.cit.*, p. 64.

<sup>344</sup> Leonardo Guedes Henn, *idem*.

<sup>345</sup> Francis Hallawell, “Hora da mala postal”, *Collector’s*, AER 111.02.

<sup>346</sup> Eles tinham mais liberdade de circular na frente de guerra e eram mais críticos.

imprensa estava já organizada segundo os padrões empresariais de competitividade”.<sup>347</sup>

Os encontros na Itália eram motivo de alegria. Foi o caso do brigadeiro Rui Moreira Lima, 92 anos,<sup>348</sup> que tinha sido aluno de Francis Hallawell quando ainda estudava no Campo dos Afonsos, em 1942. “Ele foi meu professor de inglês na Escola da Aeronáutica, e era mais camarada do que o professor anterior. Francis Hallawell era uma simpatia, inteligente, alegre. Tinha sete anos a mais do que eu.”<sup>349</sup> Rui chegou na Itália como primeiro-tenente do 1º Grupo de Aviação de Caça da FEB, na Base Aérea de Tarquínia, onde, por acaso, encontrou-se com Hallawell.

– Francis Hallawell gravou uma entrevista comigo para a BBC. Eu estava alegre porque voltei vivo da minha primeira operação de guerra. No meio da entrevista, tive a notícia de que o piloto Cordeiro<sup>350</sup> havia morrido. Não pude continuar. Foi um choque.<sup>351</sup>

Rui descreveu outros encontros com o correspondente Francis Hallawell e seu conflito quando teve que falar ao microfone da BBC em momentos difíceis.<sup>352</sup>

– Em 1944, me mudei para Pisa. Quando me encontrei com Hallawell novamente, foi um momento de alegria. Já éramos veteranos, estávamos calejados. Perdemos nove pilotos, mais cinco foram abatidos e tivemos três prisioneiros. Hallawell queria me entrevistar para um programa sobre o Natal. Perguntei a ele como iria falar de Natal se dali a pouco iria sair para matar pessoas na guerra. Mas ele insistiu. Pedi para escrever o que eu iria dizer. Escrevi em cima de uma caixa de munição.<sup>353</sup>

<sup>347</sup> Leonardo Guedes Henn, op.cit., p. 193.

<sup>348</sup> Rui nasceu no dia 12 de junho de 1919. A entrevista foi feita em sua casa, no Rio, em 17 de janeiro de 2012.

<sup>349</sup> Rui já sabia inglês.

<sup>350</sup> O segundo-tenente aviador John Richardson Cordeiro e Silva, no dia 6 de novembro de 1944, foi o primeiro a ser derrubado no ataque antiaéreo de Bolonha. <http://www.aereo.jor.br/tag/1st-brazilian-fighter-squadron>

<sup>351</sup> Entrevista op.cit.

<sup>352</sup> Rui Moreira Lima, *Senta a pua!*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980, p. 397. Filme “Senta a Pua!”, de Erik de Castro, 2000.

<sup>353</sup> Entrevista op.cit.

Na crônica publicada no livro, Chico da BBC reproduziu a fala do amigo Rui<sup>354</sup>:

Tenente Rui Moreira Lima – Aqui na nossa frente de combate, temos dois inimigos, o alemão e o tempo, esse amigo da onça de sempre. Não é fácil falar em nome dos meus companheiros porque cada um deles tem seus próprios problemas e opiniões. Muito embora estejamos aqui movidos pelo mesmo ideal, num ponto, entretanto, tenho observado que nosso sentimento coincide: as saudades que sentimos de casa são imensas e se transformam, sem dúvida, numa das maiores provações da guerra. Creio bem que a missão de Natal de todo o grupo se resume a uma única palavra: fé. Fé nos princípios que defendemos, fé na força e sinceridade dos nossos sentimentos e fé na felicidade que o futuro nos reserva.

No ano seguinte, em março de 1945, os dois amigos se viram novamente. O brigadeiro contou sua grande aventura em Casarsa. Ao dar a entrevista para este trabalho, Rui reconheceu, sem reclamar, que ocorreram algumas alterações no relato radiofônico de Chico chamado “Visita inesperada à RAF”. Esses detalhes não chegaram a afetar a amizade entre os dois. Hoje, o brigadeiro entende que é difícil contar uma história no tempo curto de uma crônica radiofônica.

Eu era muito amigo de Chico. Nós nos admirávamos, e depois da guerra sempre nos encontrávamos em comemorações aqui no Rio. Ele exagerava nos elogios, achava que eu era melhor do que eu sou.<sup>355</sup>

Em novembro de 1944, Rubem Braga escreveu uma crônica para falar sobre o as cartas enviadas ao Brasil e as recebidas pelos soldados.<sup>356</sup> Contou que Francis fez uma estatística e concluiu que os expedicionários mandavam muito mais telegramas do que recebendo. Eram telegramas de frases fixas que correspondiam a um número. Por 60 liras (12 cruzeiros), o soldado podia mandar três números, ou seja, três frases. Elas versam sobre os seguintes assuntos: Correspondência, Saudações de Natal e Ano-Novo, Saúde, Promoção, Dinheiro, Felicitações e Miscelânea, por exemplo.

Todos reclamavam da demora dos telegramas, mas o “recurso da carta” era pior. Se o telegrama era lento, a carta era lentíssima e, segundo Rubem Braga, porque dependia do transporte aéreo. Por isso, Braga ficava em desvantagem em relação aos outros profissionais. “Uma carta costumava levar de 20 dias a um mês para chegar a seu destinatário “(...) de maneira que – já explicou alguém – o único

---

<sup>354</sup> Francis Hallawell, op.cit., p. 46.

<sup>355</sup> Entrevista citada.

<sup>356</sup> Rubem Braga, op.cit., p. 55.

meio de eu ter notícia de minha mulher em dia é ela me escrever um mês antes.”<sup>357</sup> Para ele e para Chico da BBC, os “sem-cartas” tinham cara de naufrago. “O sujeito se sente abandonado numa ilha deserta – e nunca faltam outros sujeitos que, sem ligar para a sua amargura, ainda vêm mostrar fotografias que receberam ou ler trechos de cartas que acham muito engraçadas e comoventes.”<sup>358</sup>

Tanto Hallawell quanto Braga tentavam passar recados em suas crônicas. Braga se autodenominava “pombo-correio das enfermeiras”. Em uma das crônicas, escreveu: “Jurgleide manda saudades para sua tia, D. Alice de Castro, Rua Magalhães Castro, nº 169, casa 11, Rio”.<sup>359</sup> Ao preparar o programa radiofônico “Hora da mala postal”,<sup>360</sup> em 1944, Chico da BBC quis mostrar o momento da distribuição da correspondência no campo. Por isso, pediu ajuda a alguns dos felizardos. Eles deviam ler trechos da correspondência ao microfone. As narrativas confortavam os que sofriam, alegravam os curiosos, estimulavam os brasileiros a escrever mais para os soldados, mas também frustravam os que não eram lembrados. Em geral, os soldados ficavam felizes quando sabiam que a família estava bem e que o time de sua predileção ganhara o último campeonato.

Hallawell reuniu soldados e correspondentes junto ao microfone da BBC, sempre reforçando a mensagem pelo rádio: “escrevam cartas!”. Em primeiro lugar, entrevistou o responsável pela entrega de cartas, cabo Humberto David.

“Hora da mala postal”:<sup>361</sup>

Francis Hallawell – Aqui fala Francis Hallawell com o programa gravado no acampamento da Força Expedicionária Brasileira, na frente italiana. Essa reportagem diz (*sic*) o interesse com que os rapazes esperam as notícias do Brasil, a chegada do correio, a distribuição. Era mais ou menos 10 horas da manhã quando apareceu no campo um encarregado com toda a espécie de pacote, lembranças mandadas pelo carinho distante. Entre muitos desses pacotes figurava a mala postal. A chegada do *jeep* foi como um sinal para que interrompessem, no que era possível, todas as atividades. Os soldados desandaram a correr na direção

---

<sup>357</sup> Idem.

<sup>358</sup> Idem.

<sup>359</sup> Op.cit., p.79.

<sup>360</sup> Francis Hallawell, “Hora da mala postal”, op.cit. Junto com a “A Hora do rancho”, o programa teve 7’40 de duração.

<sup>361</sup> Idem, transcrição.



do *jeep*, que logo se viu cercado de mãos ansiosas, enquanto o mensageiro fazia a chamada.<sup>362</sup>

Com os relatos de Chico da BBC e de seus colaboradores, os ouvintes tentavam imaginar como era o dia a dia do soldado nos acampamentos. Havia, é claro, artificialismos nessas narrativas. Raramente falavam das perdas nos campos de batalha, dos que ficaram gravemente feridos, dos que tiveram traumas ao ver a morte de amigos e companheiros ou de terem que matar inimigos em emboscadas. O jornalista Joel Silveira, anos depois da guerra, fez uma síntese dos oito meses na Itália<sup>363</sup> e nem assim revelou em detalhes os horrores do conflito. “A FEB perdeu 443 homens, entre soldados e oficiais, e mandou para os hospitais da retaguarda perto de três mil feridos”.<sup>364</sup> Foi Rubem Braga, mais uma vez, quem fez o melhor perfil do pracinha:

“A esta hora, lá está o pracinha, no seu *foxhole* solitário. Não o pintem como um belo herói, um famoso guerreiro da neve. Não é o super-homem. É exatamente um sujeito – um desses sujeitos não muito fortes, não muito altos, não muito brancos – um desses sujeitos como há em qualquer trem de subúrbio, em qualquer sítio do interior. Esse tipo de brasileiro comum, mais feio que bonito, mais desajeitado que elegante – o João da Silva, o Severino Magalhães, o Moacir Ferreira, o José Nunes, empregado da farmácia, o Tico da Leopoldina. Está sozinho no seu buraco de neve”.<sup>365</sup>

Chico da BBC mostrava em suas crônicas pequenas vitórias, perdas, sofrimentos e frio, muito frio. Nada de muito dramático. Rubem Braga e Joel Silveira faziam o mesmo: ficavam na retaguarda do 5º Exército americano<sup>366</sup> e todos imprimiram um tom humanista ao noticiário. No caso de Hallawell, não eram leprosos, prostitutas e pobres que apareciam em cena, mas soldados que esperavam ansiosos pelas cartas ou aguardavam a *gororoba* do dia. As verdades humanas, a situação dos homens diante do conflito mundial, muito antes de se tornarem heróis da pátria, eram exemplos de coragem e dedicação, qualidades santificadas.

<sup>362</sup> Adendo “Hora da Mala Postal”.

<sup>363</sup> Joel Silveira, *O Brasil na 2ª Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1976, p.10.

<sup>364</sup> Ao todo, viajaram 25 mil pessoas para a Itália.

<sup>365</sup> Rubem Braga, *op.cit.*, p.82.

<sup>366</sup> Informação dada por Thassilo Mitke, por telefone, no dia 12 de novembro de 2012.

Os pilotos da Força Aérea Brasileira chegaram a criticar o paparico constante da imprensa. Em crônica publicada na rede dos Diários Associados<sup>367</sup>, o jornalista Augusto Vilas-Boas relatou esse constante mal-estar relacionado ao exagero dos elogios. “A adjetivação excessiva aos nossos aviadores pelos seus feitos no *front* europeu não encontra ressonância entre os mesmos, pois eles preferem a antiaérea tedesca a uma nota sobre sua pessoa no jornal, com elogios ‘ridículos’”.<sup>368</sup>

O relato de correspondentes e ex-combatentes sobre a guerra é quase sempre positivo. Rubem Braga chamou essa tendência de “exaltação cívica”. Ao lançar seu livro, o jornalista William Waack foi muito criticado ao revelar outras questões nos relatos da guerra. “Esse livro não é contra a Força Expedicionária Brasileira, embora documentos e depoimentos apresentados desmintam ou corrijam muito do que se vem dizendo nos últimos 40 anos sobre a participação de brasileiros na Segunda Guerra Mundial”.<sup>369</sup>

Chico da BBC escolheu cuidadosamente as palavras para falar sobre Mascarenhas de Moraes, o mais importante comandante da FEB.<sup>370</sup> O texto radiofônico chamado “Perfil”<sup>371</sup>, feito para o programa semanal de Bento Fabião, foi irradiado em maio de 1945, quando o general estava voltando ao Brasil. O correspondente comparou o general a uma grande essência guardada em um pequeno frasco. Com isso quis dizer que, apesar da baixa estatura, Mascarenhas de Moraes era dono das “virtudes essenciais do soldado brasileiro – bravura, resistência e capacidade de adaptação”. Segundo Chico da BBC, ele tratava os soldados como filhos, era “100% brasileiro” e “adorado – literalmente adorado – pela soldadesca”.

Mais crítico do que Chico da BBC, Egydio Squeff fazia restrições indiretas ao governo. A fim de que isso ficasse claro para o público, elogiava a democracia americana, usando mesma estratégia da revista *Diretrizes*, de Samuel Wainer. Sobre a morte do presidente norte-americano Franklin Roosevelt, em

<sup>367</sup> Sem data.

<sup>368</sup> Augusto Vilas-Boas Apud Leonardo Guedes Henn, op.cit., p. 179.

<sup>369</sup> William Waack, op.cit., p.11.

<sup>370</sup> Francis Hallawell, op.cit., p. 8.

<sup>371</sup> Idem.

abril de 1945, também mostrou a sua admiração pelos EUA. Squeff utilizava “o recurso de dar voz a terceiras pessoas, no caso, os pracinhas, de modo que a sua mensagem adquirisse ares de imparcialidade”.<sup>372</sup> Mas, nas quatro ocasiões em que os brasileiros foram derrotados em Monte Castelo, Squeff amenizou o fato, deixando para trás a objetividade.

Correspondente da UP e também colaboradora da BBC, Silvia de Bittencourt, a Majoy, foi a única mulher no grupo dos brasileiros. Em seus relatos, ela preferiu falar sobre as flores e as belezas das cidades italianas, embora incluísse alguns momentos de tensão vividos pelos soldados. No livro *Seguindo a primavera*<sup>373</sup>, foram reunidos 163 textos que mostraram as longas distâncias que Majoy percorreu de *jeep*, muitas vezes ao lado dos militares americanos e do ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra. Foi ferida por estilhaços de uma bomba, sendo atendida pela Cruz Vermelha americana em um hospital de Capri.<sup>374</sup>

“Roma era o Q.G. dos correspondentes. Era, portanto, onde estavam as instalações da BBC. Nessa BBC extraordinária, que foi em si uma nova arma de guerra, nessa BBC, tinha então eu a honra de falar uma vez por semana.

Havia pois [a] volta obrigatória ao P.R.O.<sup>375</sup> – onde felizmente podia-se gravar, duma (*sic*) só visita, vários discos. E assim mais estradas ainda tínhamos que correr. (...) São múltiplas as células, tão perigosas como bombas, que trabalham lá; e de lá partimos, caçadores de sombras ou realidades por essas batalhas a dentro (*sic*), onde o feltro verde bordado a ouro com *War Correspondent* passado na ombreira é a senha para os lugares mais secretos”.<sup>376</sup>

O historiador Leonardo Guedes Henn criticou o tom excessivamente lírico de Majoy. Para ele, Majoy fugia da realidade ao não encarar os corpos de fascistas italianos mortos e exibidos em praça pública. “Por quê?”, perguntou-se a jornalista. “Tem tanta coisa no mundo dos horrores, que não precisa dos olhos inexperientes em política, de quem mesmo na guerra sempre procurou flores”.<sup>377</sup> A jornalista também pediu que os brasileiros enviassem cartas depois que

<sup>372</sup> Leonardo Guedes Henn, *idem*.

<sup>373</sup> Majoy (Silvia de Bettencourt), *Seguindo a primavera*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1951.

<sup>374</sup> O correspondente Thassilo Mitke insiste em dizer que Majoy nunca esteve na frente de combate.

<sup>375</sup> P.R.O.: Public Relation Office.

<sup>376</sup> *Ibid.*, p. 38.

<sup>377</sup> Leonardo Guedes Henn, *idem*.

acompanhou a transmissão de recados de viva-voz vindos do Brasil para os soldados.

“Perto de uma lareira, que era apenas um fogão bem quentinho dentro de uma tenda, e junto dum (*sic*) rádio (...) foi chamado para atender ao seu nome, reclamado lá de longe, do Brasil. Vi como ele voltou. E quero mandar este aviso às senhoras que se aproximam, chorosas, de um microfone. Cuidado! Tenham cuidado, ou coragem. O soldado quer alegria, porque sente esperança. Recalquem no peito a emoção. Chorem antes. Solucem depois. Eles estão dando a vida pelo Brasil sereno, pelo Brasil grande, pelo Brasil forte. Não pelo Brasil choroso. Eu vi como voltou aquele soldado que falava de neve... Trazia frio na alma.”<sup>378</sup>

Datada de 1944, Chico da BBC fez uma gravação, sem título, no acampamento da FEB. Dentro de uma barraca, a poucos quilômetros do local do combate, ele esclareceu que, às vezes, as transmissões iam ao ar de madrugada no Brasil.<sup>379</sup>

Francis Hallawell: É com enorme prazer que a BBC, mais uma vez, serve de elo entre os soldados do Brasil e os outros brasileiros. Aos soldados da FEB, que tiveram paciência de esperar até a uma e meia da madrugada, hora de Londres, para ouvir esse programa, enviamos as nossas saudações, ao mesmo tempo (em) que felicitamos o major Saldanha e o conjunto que executou essas músicas tão brasileiras.

Major Saldanha: A música nos unirá através dos mares e continentes. Mais tarde, no futuro próximo, então cantaremos juntos, reunidos para sempre. Boa-noite, Brasil.

No programa “Sambas nascidos na campanha”,<sup>380</sup> Chico da BBC gravou as músicas que os soldados compuseram para comemorar a vitória dos soldados em Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1945. Depois de quatro tentativas frustradas, os pracinhas do Regimento Sampaio, representantes cariocas na FEB, estavam felizes. A irradiação teve 34 minutos<sup>381</sup> (Anexo 2) e contou com músicos que imitavam com a voz o som do saxofone e do trombone. A música que obteve o primeiro lugar no concurso, tal como nas atrações da Rádio Nacional, foi “A Lurdinha”, de autoria de Natalino Cândido da Silva.<sup>382</sup>

<sup>378</sup> Majoy (Silvia de Bettencourt), op.cit., p. 66.

<sup>379</sup> Arquivo Nacional, DSCO 0168-01, BBC, 26':46''

<sup>380</sup> Transcrição AER 111.04. Collector's.

<sup>381</sup> Transcrição de parte do programa.

<sup>382</sup> “Nosso século”, documentos sonoros, op.cit.

Subindo ao morro eu encontrei sinhá Lurdinha

Tava toda afobadinha querendo me pegá

Joguei-me ao solo e comecei a rastejar

Farejava, farejava, mas nada de me encontrar

Mas onde vi muito tedesco<sup>383</sup>

Foi lá no Monte do Castelo...

Para Joaquim Xavier da Silveira, “a atividade musical estava sempre ligada às atividades militares, destacando-se a música chamada marcial (...)”.<sup>384</sup> No caso brasileiro, a música popular integrou-se fortemente ao cotidiano dos pracinhas, sem falar na banda que ficava reunida no Quartel-General Recuado, em Pistóia. A música oficial era a “Canção do Expedicionário”. No campo, eram cantados os sucessos radiofônicos das rádios brasileiras: “Adeus”, “Mangueira”, “Jura”, “Rancho Fundo”, “Teu cabelo não nega”, por exemplo. Além disso, os soldados também sofreram a influência da música italiana.

Certas músicas se tornaram inesquecíveis para os brasileiros, entre elas: “*Firenze Sogna*”, cujo primeiro verso era repetido por quase todos os soldados: “*Firenzi sta notte sei bella, in um manto di stelle.(...)*” Havia também “*Torna a Surriento*” e “*La Strada del Bosco*”, música muito cantada pelo corpo de *partisani*, e ainda a famosa “Mamma”, canção com bela melodia e letra um pouco piegas, mas que era número obrigatório nas rodas de música por ser canção de saudade.<sup>385</sup>

Músicas estrangeiras foram ensaiadas e cantadas pelas tropas brasileiras ao desembarcarem na Itália. “Deus salve a América”, por exemplo, surpreendeu os americanos na chegada da FEB à Europa. Mas nenhuma canção marcou tanto a

---

<sup>383</sup> Sinônimo de alemão.

<sup>384</sup> Joaquim Xavier da Silveira, op.cit., p.128.

<sup>385</sup> Idem.

Segunda Guerra quanto a alemã “Lili Marlene”<sup>386</sup>, que conquistou os corações dos dois lados do *front*. Divulgada pelos alto-falantes e pelas estações de rádio, chegou a ter 48 versões, em diferentes idiomas. Os comandantes do Eixo não gostaram de dividir o sucesso com os aliados e, no fim da guerra, tentaram impedir que fosse divulgada entre os alemães.<sup>387</sup>

Na crônica “O aventureiro encostado”<sup>388</sup>, escrita especialmente para o colega Bento Fabião, no programa da BBC “Rádio Magazine”, Chico da BBC usou a verve bem-humorada para falar sobre o encontro com um tipo singular. “Toda guerra, por mais grave que seja, traz o seu contingente de anedotas. Na história de todas elas, essa parte risonha surgiu sempre depois que os historiadores expremeram (*sic*) os heróis até a sua última gota”. O correspondente descreveu o “Coringa”, que tinha nariz grande porque se metia em todos os assuntos. “Assim, milionário amador, cinegrafista por conta própria, e aventureiro profissional, é que ele foi parar dentro daquele caixote onde eu o encontrei. E quando toda a história do “Coringa” puder ser revelada, será divulgado um tipo ideal para um *film* de Carlitos”.

Nem todos os pracinhas tinham acesso ao rádio. Na crônica de Rubem Braga, *Bateria de 105*<sup>389</sup>, o jornalista descreve uma cena que presenciou:

“Nas horas de folga, os soldados não têm muito em que se divertir. Às vezes jogam bolas de neve, ou aprendem a andar em esqui. Nem mesmo há por perto *signorine*<sup>390</sup> que possam namorar. Mas o telefone, que traz as ordens de tiro, traz também um pouco de distração. Acontece que na Central de Tiro há um bom rádio de ondas curtas. Esse rádio é ligado para o Brasil, e posto junto ao telefone desligado. Assim, em cada peça os homens podem ouvir o rádio pelo telefone. Como há dois aparelhos, os 10 homens se revezam para ouvir as mensagens e os sambas que estão vindo do Brasil. Às duas da tarde costumam ouvir a BBC; entre as sete e meia e as oito da noite, ouvem uma estação do Brasil. No momento em que cheguei, dois soldados estavam ouvindo uma estação portuguesa. O que acontece com frequência é, no meio da marchinha, a ‘irradiação’ ser suspensa por uma ordem qualquer.

<sup>386</sup> Joaquim Xavier da Silveira, op.cit., p.128. A composição de Heins Leip, de 1924, foi musicada pelo músico berlinense Norbert Schultz. Gravada pela primeira vez em 1939, por Lele Anderson, tornou-se conhecida pelos brasileiros assim que eles chegaram à Itália.

<sup>387</sup> Ibid., p. 129.

<sup>388</sup> *O Cruzeiro do Sul*, 12 de março de 1945, p.4. A crônica não aparece nas *Scatolettas da Itália*.

<sup>389</sup> Rubem Braga, op.cit., p.105.

<sup>390</sup> Mulheres solteiras.

Mas parece que o rádio não satisfaz(ia) os homens da Artilharia: eles organizaram um programa por conta própria. O *cast* foi formado com soldados das várias peças.”

Com ou sem rádio, havia momentos de distração e bom humor. Na crônica “Quebra-galho do correspondente de guerra”,<sup>391</sup> já citada, Chico da BBC explicou que ninguém estava fazendo turismo na Itália, como imaginavam alguns ouvintes:

“(…) não pretendo pintar a situação nem com tons róseos, nem com tons muito sombrios. Uns poucos acreditam que a guerra é um leito de rosas, simplesmente porque o soldado brasileiro, como qualquer outro soldado no *front*, encontra tempo para descansar e gozar dos poucos prazeres que tem ao seu alcance, quando está fora da linha de fogo por algumas horas. Deixo o ajustamento à consciência de cada um. Estou certo de que a maioria dos ouvintes compreende perfeitamente quais são as condições aqui e sabe que um pequeno raio de sol pode sempre ajudar-nos a esquecer a violenta tempestade que ruga de todos os lados e ao mesmo tempo fortalecer-nos para continuar a vencer a tempestade”.<sup>392</sup>

Joel Silveira resumiu assim o que sentiu durante o conflito: chegou à Itália com 26 anos e sentiu que voltou com 40, mesmo tendo ficado lá pouco mais de oito meses. “Ao contrário do poeta, não foi exatamente por delicadeza que naqueles quase nove meses perdi parte de minha mocidade, ou o que restava dela. A guerra, repito, é nojenta”.<sup>393</sup> O soldado Joaquim Xavier de Silveira também não teve qualquer olhar transcendente sobre o conflito:

“A guerra não é heroica. Não há bandeiras, nem tambores, nem cornetas com toques marciais, nem tampouco heróis condecorados que voltam para casa e beijam a noiva. O que há na guerra é sujeira, lama, frio, fome, cansaço de noites a fio sem dormir, medo de ser atacado, sofrimento e monotonia, esses problemas de todas as guerras. A monotonia de cavar uma trincheira e ficar escutando aqueles ruídos ensurdecedores, que não param nunca”.<sup>394</sup>

Em fevereiro de 1945, a política do Estado Novo estava desmoronando e, com ela, a censura do DIP. Mesmo que o general Mascarenhas de Moraes tivesse proibido as tropas de fazerem manifestações políticas na Itália, soldados brasileiros e aliados conversavam francamente sobre o regime político. No Brasil, a imprensa reagia às restrições e às limitações à liberdade de expressão da população. “Durante maio de 1945, mês em que o DIP seria extinto, os jornais

<sup>391</sup> Francis Hallawell, op.cit., p. 16.

<sup>392</sup> Idem.

<sup>393</sup> Joel Silveira, 2005, op.cit., pp. 19-20.

<sup>394</sup> Ketrin Daiana Mocelim. “*Memórias de guerra: a trajetória da FEB na 2ª Guerra Mundial*”. São Paulo: Universidade do Tuiuti, 2009, p.1. Dissertação de mestrado.

oposicionistas do Rio atacavam Vargas impiedosamente. Inclusive *O Globo* (...)”.<sup>395</sup>

A contradição entre os objetivos do Estado Novo e a luta que se travou contra os regimes totalitários na Europa passou a ser discutida também no Brasil. “No começo de maio, o virulento *Diário Carioca* sentenciou: ‘O governo fascista do Sr. Getúlio Vargas sempre teve horror à imprensa, sempre trancou o pensamento livre dos jornalistas’”.<sup>396</sup>

Na crônica “Rendição Incondicional”, irradiada em 30 de abril de 1945, Chico da BBC relatou as negociações entre os alemães e os brasileiros.

“As tropas alemães começaram a se entregar com seu equipamento intacto ao cair da tarde, e os primeiros prisioneiros começaram a chegar aos poucos na noite de domingo. (...) À medida que chegavam, os pelotões de prisioneiros eram desarmados, revistados e encaminhados para os campos de prisioneiros. Ao meio-dia de segunda-feira, ambas as margens da estrada estavam cheias de fuzis, quepes, baionetas, revólveres, granadas de mão do tipo “martello”, cartuchos carregados, rações e milhares de outros objetos. Os soldados alemães chegavam sorrindo e cantando, porém antes de se dispersarem (*sic*), ainda completamente armados, o comandante de cada pelotão os mandava formar e se despedia de cada um. Um capitão prussiano, tipo valentão, desmanchou-se em lágrimas e soluços”.<sup>397</sup>

No dia 1º de maio, Getúlio Vargas fez o seu discurso no rádio em homenagem ao Dia do Trabalhador e praticamente se despediu do cargo que ocupava desde 1930. “Já fiz a minha parte na grande tarefa de mobilizar para o engrandecimento comum as forças criadoras da nacionalidade. Ultimada a recomposição política e reajustados os quadros governamentais, retornarei às atividades de simples cidadão, recolhendo-me à atividade privada”.<sup>398</sup>

O “Repórter Esso”, único programa que podia interromper qualquer atração da Nacional – da cena romântica de novela ao quadro humorístico de grande sucesso –, com a aproximação do fim da guerra, ganhou ainda mais importância. A direção do noticiário decidiu fazer uma ligação diretamente com a United Press<sup>399</sup>. Além disso, o locutor deveria ficar de plantão na emissora. O

<sup>395</sup> Orlando de Barros, op.cit., p. 250.

<sup>396</sup> Idem.

<sup>397</sup> Francis Hallawell, op.cit., p. 56.

<sup>398</sup> *Nosso século, documentos sonoros*, op.cit. Transcrição.

<sup>399</sup> Antes, os jornalistas da McCann Erickson escreviam as notícias que vinham por telegramas.



problema é que a confirmação não veio rapidamente, provocando grande tensão na rádio. “Heron Domingues sugeriu à direção da emissora que instalasse uma cama no estúdio, para que ele não perdesse nada da guerra. Domingues permaneceu de plantão durante cinco meses.”<sup>400</sup>

Tanto a família quanto os amigos tentavam convencer Heron que ele deveria ir para casa, tomar um banho e descansar. A maratona dentro do estúdio estava muito desgastante. Como queria ser realmente “o primeiro a dar as últimas”, o locutor gravou a mensagem e foi para casa descansar. Nesse momento, no dia 7 de maio de 1945, chegou o tão esperado telegrama. Coube ao “Grande Jornal Falado Tupi” transmitir a notícia. Inconformado, Heron voltou ao microfone da Nacional e, apesar de não ter sido ele o primeiro a anunciar o fim da guerra, só a partir de sua locução os cariocas começaram a comemorar. “Acabou a guerra. Acabou a guerra. Acabou a guerra”, disse, em voz emocionada.<sup>401</sup> “O ‘Repórter Esso’ ficou 48 horas no ar. As irradiações foram transmitidas às cidades do interior por 192 emissoras e serviços de alto-falantes, constituindo-se na primeira rede de emissoras de rádio no Brasil”.<sup>402</sup>

Recebidos como heróis, os soldados e os correspondentes se igualaram em um determinado momento. Depois da guerra, Francis Hallawell costumava se encontrar também com seus amigos pilotos e até com o general Mascarenhas de Moraes. No Brasil, não quis mais saber de jornalismo. Julienne foi bem recebida pela família do marido, mas ela levou algum tempo para se recuperar dos momentos difíceis que enfrentou em Londres.

– A guerra, com toda a tragédia, faz a gente amadurecer, aprende-se muito. Francis e eu podíamos morar na Bélgica, mas achamos que não havia futuro em Bree, minha pequena cidade. Francis saiu da BBC, e como havia trabalhado na Shell antes, pediu para voltar. Depois de um tempo, foi contratado como *managing director* de uma companhia de trem, a Metropolitan Vickers<sup>403</sup>.

Hallawell recebeu, em 1946, uma medalha do Exército Brasileiro e o Diploma da Medalha de Campanha, em “reconhecimento de seus serviços junto à Força Expedicionária Brasileira, como correspondente de guerra, durante a

<sup>400</sup> Luciano Klöckner, op.cit., p.53.

<sup>401</sup> Idem. “No dia da vitória dos aliados, o “Repórter Esso” foi ao ar mais de 400 vezes só na Rádio Nacional. A United Press manteve ininterrupto o serviço telegráfico.”

<sup>402</sup> Idem.

<sup>403</sup> Entrevista já citada.

Campanha da Itália”. Tornou-se um *Jambock* honorário<sup>404</sup>, homenagem que os aviadores brasileiros faziam para condecorar uma pessoa especial, uma unanimidade entre eles. Depois da guerra, sempre no dia 6 de outubro, o brigadeiro Rui Moreira Lima e seus colegas pilotos se reuniam em um almoço para comemorar a data da primeira missão na guerra, ao lado de outros *Jambocks*. Francis Hallawell não perdia uma festa, a não ser quando ficou doente.

Mais tarde, Hallawell passou representar máquinas operatrizes russas no Brasil. Julienne contou que, no dia 1º de janeiro de 1963, o marido ganhou a medalha *Order of the British Empire* (OBE)<sup>405</sup>, reconhecimento do governo inglês por seu trabalho na guerra.

---

<sup>404</sup> Também o nome do 1º Grupo de Caça na guerra. No passado, *jambock* era o chicote feito de couro de rinoceronte ou hipopótamo usado na África do Sul pelos ingleses para bater nos búfalos e nos colonos, segundo o livro “Senta a Pua!”, de autoria do brigadeiro.

<sup>405</sup> “*Dignity of Ordinary Officer of Our Civil Division*”